

7.05.99 - História

OS OPOSTOS SE ATRAEM: CIÊNCIA E FANTASIA NA LITERATURA IMPERIALISTA DO SÉCULO XIX, O PROFESSOR LIDENBROCK E SUA INTRIGANTE EXPEDIÇÃO AO CENTRO DA TERRA

Gabriela P. de Oliveira¹, Aline V. de Carvalho²

1. Estudante de IC do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp

2. IFCH-Unicamp - Departamento de História / Orientador

Resumo:

Este trabalho buscou compreender como os elementos “fantasia” e “ciência”, aparentemente contraditórios para o contexto histórico atual, foram unidos na elaboração de um novo gênero literário pertinente às potências imperialistas, na segunda metade do século XIX.

Nesse sentido, dois aspectos principais foram explorados: o primeiro diz respeito a como a ciência do século XIX teve influência no surgimento do gênero ficção científica; o segundo refere-se ao modo pelo qual essa literatura auxiliou na legitimação do discurso imperialista. Para a análise, optou-se pela narrativa “Viagem ao Centro da Terra” (1864), de Júlio Verne, em decorrência da posição de destaque tanto da obra quanto do autor, no contexto estudado.

Para dar continuidade ao trabalho, destacou-se, então: discussões sobre a ficção científica e a fantasia na teoria literária; estudos a respeito do contexto imperialista e sua ciência; a leitura do livro e o exame do papel do discurso científico na narrativa.

Palavras-chave: Imperialismo; Literatura; Ciência.

Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade Estadual de Campinas.

Introdução:

Para que a importância e os objetivos dessa pesquisa façam sentido, primeiro, é preciso entender a ligação de “Viagem ao Centro da Terra” com o contexto imperialista.

Percebe-se que a relação do imperialismo com a obra selecionada de Verne não é óbvia, comparada a outros trabalhos do mesmo autor. Em “Tribulações de um Chinês na China” (1879), por exemplo, a distinção entre sociedades inferiores e superiores transparece mais facilmente do que na história aventureira de Lidenbrock.

Contudo, por ter a expedição como pano de fundo, outra característica do contexto de dominação do século XIX torna-se visível em “Viagem ao Centro da Terra”: a sede pelo desbravamento de outras áreas, ainda não alcançadas pelos homens, sejam elas na Terra ou no espaço. O desejo por aventuras, grandes coleções e exotismos, no imaginário europeu da época, condiz com a necessidade de potências europeias em ampliar seus domínios: a imaginação servia ao discurso de expansão. Assim, viagens maravilhosas como as de Verne encaixam-se no contexto de busca pelo extraordinário.

Conseqüentemente, dentro da realidade colocada, a análise da obra de Verne mostra-se relevante na medida em que evidencia a complexidade de relações entre diferentes elementos, unidos para criar, no caso, uma narrativa extremamente útil ao contexto histórico em questão. Em outras palavras, o tema dessa pesquisa se faz importante ao estudar como dois campos, aparentemente conflitantes, trabalharam de forma conjunta, auxiliando construções e propagações de discursos.

Dada a justificativa, de forma mais clara, os objetivos dessa pesquisa resumem-se a: primeiro, entender como a ciência era utilizada dentro da narrativa ficcional, ou seja, como se dava a relação entre o ficcional e o científico na obra de Verne; segundo, perceber qual a concepção de ciência explicitada ali pelo autor; e, por fim,

analisar como esse tipo de obra se relacionou com um contexto maior, o século XIX.

Metodologia:

Para dar sequência à pesquisa, foi preciso dedicar-se a três temas chave e seus desdobramentos. São eles: a literatura de ficção científica no século XIX, o contexto imperialista dessas produções e a compreensão de ciência daquele momento.

A respeito do contexto imperialista, a pesquisa se apoiou tanto nas discussões de teóricos clássicos do tema, como Eric Hobsbawm e Hannah Arendt, quanto em autores preocupados com o ponto de vista do subalterno, como Aimé Césaire.

Depois, tratando a respeito do gênero ficção científica e seu surgimento, destacou-se que, embora o conceito tenha sido criado somente em 1920 para classificar obras que tratassem de visões futurísticas a partir da ciência (previsões), a ficção científica como estilo de escrita surgiu na segunda metade do século XIX, com destaque para as narrativas de Júlio Verne e H.G. Wells. Em comum, as obras iniciais pretendiam transparecer verossimilhança em relação à realidade: as histórias deveriam basear-se em conhecimentos científicos e, a partir deles, narrar acontecimentos aparentemente possíveis no futuro.

Por fim, através do trabalho de Thomas Kuhn, conceituou-se a ideia de ciência do século XIX como acumulação e progresso. Nesse sentido, cada cientista seria responsável por acrescentar um novo conhecimento aos já existentes, levando a ciência a dirigir-se, sempre, ao esgotamento de seus conhecimentos.

É importante ressaltar que tais problemáticas permearam todo o trabalho com a obra de Verne, provando-as indispensáveis para a pesquisa.

Resultados e Discussão:

Ainda que tenha se formado em Direito, Júlio Verne apresenta um surpreendente conhecimento das discussões científicas e seus significados. São surpreendentes os diálogos que o autor tece, entre o professor Lidenbrock e seu sobrinho Áxel, a respeito das mais variadas questões da ciência. Na obra estão presentes desde conselhos sobre a configuração do método científico, até

discussões sobre teorias e hipóteses científicas, ligadas ou à viagem (problemas e possibilidades colocadas pelo trajeto da jornada) ou à mineralogia (área de atuação tanto de Lidenbrock quanto de Áxel),

Além disso, o livro é estruturado em termos e linguagem científica. Qualquer objeto, pessoa ou lugar é descrito com expressões estranhas a uma história de aventura. Já na primeira página do livro, a cozinha da casa de Lidenbrock é apelidada de “laboratório culinário”, por exemplo.

Mas, talvez, o mais interessante seja a percepção de ciência que Júlio Verne expõe. A fé na ciência e em seu progresso é evidente: “A ciência é essencialmente progressiva. A teoria de hoje é invalidada pela de amanhã” (VERNE, 1972: 38). Em outras palavras, Verne aposta na evolução do conhecimento científico como um processo natural.

Com a expedição, Lidenbrock pretende chegar a várias novas respostas, contribuindo para o progresso das explicações científicas. Além disso, a ciência se mostra absoluta, lei: “quando a ciência se manifesta não há outra coisa senão calar-se” (VERNE, 1972: 84).

Desse modo, apesar de fictícia, Júlio Verne tece a narrativa de modo verossímil, mostrando ao leitor a possibilidade de, um dia, a típica personagem masculina exploradora imperialista realizar tal jornada. Nesse sentido, a ciência se une à ficção para narrar uma das viagens expedicionárias maravilhosas do século XIX.

Conclusões:

Levando em conta a obra “Viagem ao Centro da Terra” e as considerações teóricas feitas, foi possível observar como o texto de Júlio Verne é constituído em sua totalidade por expressões, termos, discussões e figuras ligadas à ciência, com o objetivo de dar verossimilhança à história. Assim sendo, Verne explicita diretamente, em diversos trechos do livro, a definição consensual de ciência do período.

Percebemos, então, como a produção, ficcional, é constituída de modo que se acredite na possibilidade de uma viagem ao centro da Terra; ou seja, que o homem do século XIX, desbravador e aventureiro, em algum momento, seria capaz de realizá-la.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa. 1978.

FIKER, Raul. **Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?** Porto Alegre – RS: L&PM Editores, 1985.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios, 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

_____. “Ciência, religião e ideologia” *In: A Era do Capital, 1848-1875*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004. p. 349-382.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1998.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1970.

VERNE, Jules. **Voyage au Centre de la Terre**. Librairie Hachette.1923.

VERNE, Júlio. **Viagem ao Centro da Terra**. São Paulo: Artes Gráficas Bisordi S.A. Tradução: José Alberto Fomm Damásio. 1972.